

Troca desigual, deterioração dos termos de troca e superexploração: quais os nexos causais na Dialética da Dependência de Marini?*

Leonardo Leite[†]

Mattheus Alves[‡]

Resumo

No artigo discutimos a questão da troca desigual na obra *Dialética da Dependência* de Ruy Mauro Marini a partir da constatação de que ainda se trata de uma categoria de difícil manejo no âmbito da teoria marxista da dependência no século XXI. Na revisão da literatura contemporânea, mostramos que existe uma confusão a respeito da diferenciação entre troca desigual e deterioração dos termos de troca e do papel da superexploração da força de trabalho nesta relação. Nossa contribuição foi alertar que a superexploração da força de trabalho não é apenas um *mecanismo de compensação* da troca desigual, mas também um *mecanismo causal* da deterioração dos termos de troca. Para desenvolver esse ponto, sugerimos que o método de pesquisa operado por Marini envolve a estratificação da realidade em domínios diversos.

Palavras-chave: troca desigual; termos de troca; superexploração do trabalho; Ruy Mauro Marini; teoria marxista da dependência

Abstract

We discuss the issue of unequal exchange in Ruy Mauro Marini's *Dialectic of Dependency*, based on the fact that it is a concept hard to be unveiled by current thinkers and researchers in the field of Marxist Dependency Theory. In the literature review, we have shown that there is a misunderstanding about the contrasts between unequal exchange and the worsening of the terms of trade and the role played by super-exploitation of labor. Our contribution was to warn that the super-exploitation is not only a mechanism for compensating unequal exchange, but also a causal mechanism for the deterioration of the terms of trade. To develop this point, we suggest that the research method performed by Marini involves the stratification of reality in different domains.

Keywords: unequal Exchange; terms of trade; super-exploitation of labor; Ruy Mauro Marini; Marxist Dependency Theory

Artigo submetido às Sessões Ordinárias do XXVII Encontro Nacional de Economia Política, 2022

* Parte do argumento do artigo foi desenvolvido em pesquisa monográfica apresentada na Faculdade de Economia da UFF em setembro de 2021. Em função disso nos beneficiamos dos comentários e críticas de Eduardo Sá Barreto e Nazira Camely, que estiveram na banca. Agradecemos a eles e também a Álvaro Martins, pelos comentários e críticas a outra versão desse texto.

[†] Professor Adjunto na Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx). Endereço eletrônico: leonardoleite@id.uff.br.

[‡] Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço eletrônico: mattheussa@id.uff.br.

Introdução

A existência de uma tendência à deterioração dos termos de troca entre centro e periferia ao longo do século XX, nos moldes levantados por Prebisch (2000), está bem documentado na literatura contemporânea (KVANGRAVEN, 2021, p. 97; OCAMPO; PARRA, 2009; ERTEN, 2011). O problema, contudo, está em *explicar* esse fenômeno. Ruy Mauro Marini, na *Dialética da Dependência*, oferece uma explicação distinta da oferecida por Prebisch, a qual, contudo, julgamos ser mal compreendida tanto entre os defensores da teoria marxista da dependência e que tentam preservar o legado de Marini no século XXI quanto de seus detratores.

É bem conhecida a truculenta crítica de Serra e Cardoso (1979) à *Dialética da Dependência*. Na primeira parte da crítica eles levantam um conjunto de supostos problemas na teoria da troca desigual de Marini, sem perceber que, na realidade, estão criando um espantinho muito distinto do argumento do autor que eles querem tirar de circulação. Por exemplo, eles dizem que Marini confundiu o intercâmbio desigual com a deterioração dos termos de troca (SERRA; CARDOSO, 1979, p. 45), o que não é verdade, como iremos demonstrar adiante.

Nos parece curioso que, mesmo entre os defensores da teoria marxista da dependência, este seja um ponto obscuro. Fizemos um levantamento bibliográfico em conhecidos portais de periódicos científicos, como *Scielo*, *Google Scholar* e Portal de Periódicos da Capes, também investigamos o acervo da Biblioteca digital do Grupo de Trabalho em Teoria Marxista da Dependência da Sociedade Brasileira de Economia Política (GT-TMD/SEP), usando as palavras-chave “termos de troca”, “troca desigual”, “intercâmbio desigual”, “teoria marxista da dependência” e “Ruy Mauro Marini” para identificar como a literatura contemporânea trata dessa questão. Nossa surpresa foi que boa parte dos artigos assume que a troca desigual é o mesmo que a deterioração dos termos de troca. E os que tratam ambos como coisas diferentes *não explicam* a razão da diferença. Parece que “o segredo da troca desigual”, como Marini escreveu na *Dialética da Dependência*, continua sendo... um segredo.

Nosso artigo é uma tentativa de contribuir para o esclarecimento dessa controvérsia. Iremos mostrar que a troca desigual e a deterioração dos termos de troca operam em níveis distintos do mercado mundial capitalista, com a segunda sendo um

fenômeno ativado por um mecanismo causal gerado pela primeira. Também mostraremos que o entendimento corrente da literatura sobre a superexploração da força de trabalho é parcial. Apesar de ser bem conhecido como “*mecanismo de compensação*” da troca desigual, defenderemos que, além disso, é o *mecanismo causal* da deterioração dos termos de troca segundo o entendimento posto por Marini em *Dialética da Dependência*.

O artigo está estruturado em mais três seções além desta Introdução. Na sequência, apresentamos uma revisão da literatura contemporânea a respeito dessa temática para discutir o problema que estimulou essa pesquisa, que foi a maneira como a categoria da troca desigual (ou intercâmbio desigual, que trataremos como sinônimo) é tratada atualmente pelos intelectuais que reivindicam a teoria marxista da dependência. Depois, discutimos brevemente a concepção de Raul Prebisch e da Cepal a respeito da deterioração dos termos de troca, identificando os mecanismos causais sugeridos por esta escola do pensamento econômico. Na sequência, apresentamos nossa interpretação a respeito da forma como Ruy Mauro Marini trata dessa questão na *Dialética da Dependência*, explicitando os motivos pelos quais a troca desigual não pode ser confundida com a deterioração dos termos de troca, descortinando o segredo que parece estar escondido aqui, que é o papel da superexploração da força de trabalho como mecanismo de compensação e mecanismo causal.

2. O lugar da troca desigual e da deterioração dos termos de troca na literatura contemporânea

Levantando bibliografia através de buscas nas plataformas de periódicos científicos e na Biblioteca digital do GT-TMD/SEP, notamos que a retomada da teoria marxista da dependência, observada por Prado e Castelo (2013), segue com vigor. Encontramos inúmeros trabalhos marxistas que atualizam as categorias e os termos do debate a respeito da dependência, do imperialismo e dos impasses do desenvolvimento capitalista¹. Nesta seção faremos uma discussão breve com um recorte específico dessa retomada, buscando identificar como eles respondem às seguintes questões que buscamos discutir neste artigo: qual o tipo de relação entre troca desigual e deterioração dos termos de troca? E qual o papel da superexploração da força de trabalho nessa relação?

¹ Um tópico para pesquisa futura é uma análise bibliométrica dessa retomada.

Esperamos, com esse diálogo, iluminar a questão e justificar a relevância de retomar o argumento original de Ruy Mauro Marini.

Franklin e Borges (2020) tratam exatamente do tema da troca desigual. O objetivo dos autores é averiguar empiricamente a ocorrência de transferências de valor do Brasil para o exterior entre 1995 e 2009. Na formulação conceitual, que prepara o terreno para a análise estatística, dizem que a troca desigual, do ponto de vista dos teóricos da dependência, é “uma interpretação marxista *inspirada* na tese da deterioração dos termos de troca” (FRANKLIN; BORGES, 2020, p. 2, grifos nossos). Quando os autores explicam o debate sobre a troca desigual, dizem que Marini “argumenta que sua sustentação estaria assentada na superexploração da força de trabalho” (ibidem, p. 4). Eles não explicam, contudo, talvez por ser uma pesquisa cujo objetivo é a estimação empírica da transferência de valor via comércio internacional, qual seria o papel da superexploração na sustentação da troca desigual.

Outra pesquisa muito recente publicada no Brasil é o trabalho de Duarte (2021). Tem foco e metodologia bem diferente de Franklin e Borges (2020), buscando compreender as articulações teóricas entre superexploração da força de trabalho e subimperialismo, a partir de Marini, com o desenvolvimento capitalista contemporâneo na América Latina. Em vários momentos do texto, que, diga-se de passagem, tem um excelente argumento, ele tateia o ponto que nos interessa. Ele diz que o diagnóstico da teoria marxista da dependência se assemelha com o oferecido pela teoria estruturalista da Cepal. Para ele, o argumento de Marini na *Dialética da Dependência* a respeito do comércio exterior da América Latina com os países centrais está “baseado na *deterioração dos termos de intercâmbio*” (DUARTE, 2021, p. 135, grifos nossos). Adiante, ele aponta que “o comércio centro-periferia gradualmente se caracterizaria pelo *intercâmbio desigual*, vale dizer, troca de bens com distintas composições de valores” e o “ponto-chave” na compensação da transferência seria através de “aumentos nos graus de exploração do trabalho”, gerando ampliação do mais-valor nas economias periféricas e compensando os valores transferidos (DUARTE, 2021, p. 137, grifos nossos). A síntese oferecida pelo autor está correta, e o fato de não distinguir o intercâmbio desigual com a deterioração dos termos de troca parece representar bem o tratamento de alguma maneira confuso com o qual os teóricos marxistas lidam com essas categorias.

Em texto anterior, o mesmo autor busca criticar, fundamentado na teoria marxista da dependência, o pensamento neoestruturalista da chamada Nova Cepal, associado à

renovação teórica-ideológico a partir dos anos 1990 no âmbito da agência. Ele chega perto da questão que nos interessa quando diz que quando “aumenta a oferta mundial de alimentos (bens-salário), os países latino-americanos acabam induzindo a uma redução dos preços dos produtos primários no mercado mundial” (DUARTE, 2013, p. 101). Está se referindo à deterioração dos termos de troca, mas não explica porque existe uma pressão para expansão da oferta de bens vendidos no mercado mundial pelos capitais latino-americanos. Adicionalmente, ele diz: “a *deterioração dos termos de troca* acaba sendo a expressão da realização de um *intercâmbio desigual* de mercadorias entre nações industriais e não-industriais no interior da divisão internacional do trabalho. Tal intercâmbio, ao contrário de exprimir uma troca de equivalentes, conforma uma série de mecanismos que permitem realizar *transferências de valor*” (ibidem, p. 101). Aqui ele mostra que deterioração dos termos de troca e intercâmbio desigual não são a mesma coisa, a primeira é “expressão” da segunda.

Na sequência do argumento, Duarte (2013) aponta a superexploração como mecanismo de compensação dessa transferência de valor, que é uma constatação muito importante e bem difundida a respeito da *Dialética da Dependência*. Contudo, ele não explica o papel da superexploração na relação entre intercâmbio desigual e deterioração dos termos de troca. Franklin (2019), cujo objetivo é apresentar de forma didática o conceito de superexploração em Marini, também não desenvolve a vinculação entre trocas desiguais e superexploração, apesar de trazer uma pequena citação de Marini a esse respeito. Carleial (2010) faz uma análise interessante comparando Marini com Cardoso e Falleto e também reforça o nexo da superexploração como mecanismo de compensação das trocas desiguais. Morais e Almeida (2021), fazendo um retrospecto histórico da teoria marxista da dependência, apontam a vinculação da superexploração com o intercâmbio desigual como mecanismo de compensação, mas também não desenvolvem a vinculação com a deterioração dos termos de troca. Carcanholo (2008) discute as possibilidades de desenvolvimento para economias periféricas e também analisa a superexploração nesses mesmos marcos. Wagner (2007) também caminha nessa direção.

Wagner (2007, p. 68) aponta que o “intercâmbio desigual” é um dos “conceitos-chaves” que estruturam a teoria de Marini. Contudo, ele parece não perceber seu segredo, quando diz que a análise do “lugar dos países latino-americanos em termos do comércio internacional” deve ser feita “a partir do que Marini chama de ‘depreciação dos preços primários no mercado mundial’ ou, em outras palavras, a deterioração dos termos de

troca”. E completa: “A razão deste desequilíbrio encontra-se, para Marini, no fato de que os países desenvolvidos, ao produzirem bens que os países dependentes não produzem, podem vendê-los a um preço acima do seu valor.” (WAGNER, 2007, p. 68). Ao situar a “razão” da deterioração dos termos de troca na diferença entre preços e valores, Wagner se aproxima da categoria do intercâmbio desigual, embora deixando algumas partes da explicação pelo caminho. Contudo, não explica a vinculação entre ambos e a relação com a superexploração da força de trabalho.

Rho e Branca (2019) parecem ser mais rigorosas quando apontam que

Marini explicó el intercambio desigual y la transferencia de valor a los centros capitalistas, desde una perspectiva que complejizó la concepción cepalina de la desigualdad en el intercambio basada en el tipo de bienes producidos, ya que integró en el análisis de la transferencia de valor, la fijación de los precios de mercado y los precios de producción de mercancías (RHO; BRANCA, 2019, p. 84).

A indicação de que Marini complexificou a tese da deterioração dos termos de troca é muito interessante porque permite visualizar que essa tese possui relação com a troca desigual mas não são as mesmas categorias. Esta é mais complexa que aquela porque inclui na análise a fixação dos preços de mercado (dando origem a transferências de valor via posições monopolistas de capitais nos países centrais) e os preços de produção (que ensejam a transferência de valor através das diferenças de produtividade).

Por esse caminho, Carcanholo e Amaral (2008, p. 171-177) foram os primeiros a descortinar, pelo que temos conhecimento, os “mecanismos de transferência de valor” operantes no comércio internacional, típicos do intercâmbio desigual. Eles mostram que a concorrência entre capitais, tanto no mesmo ramo de produção quanto em ramos distintos, produz redistribuições do mais-valor gerado pelos capitais menos produtivos em direção aos capitais mais produtivos, cujo “ponto crucial” é a “distinção entre a lógica da produção e [a lógica] da apropriação”. Segue daí que a apropriação dos valores produzidos na periferia pelos países centrais não inviabiliza a acumulação de capital nas economias dependentes porque estas utilizam o recurso à superexploração da força de trabalho (CARCANHOLO; AMARAL, 2008, CARCANHOLO, 2007). Não é o foco de Carcanholo e Amaral (2008) a discussão da deterioração dos termos de troca e desse ponto do argumento em diante eles caminham em direção à categoria do exército industrial de reserva nas economias dependentes.

Quase despreziosamente, numa nota de rodapé, Carcanholo e Amaral (2008, p. 172) lembram que o intercâmbio desigual não é condição necessária para a superexploração da força de trabalho, que é um ponto levantado por Marini, tanto na *Dialética da Dependência* quanto na resposta ao ataque truculento de Serra e Cardoso, quando apontam que a superexploração é “acicateada” pelo intercâmbio desigual.

O livro de Luce (2018), aliás, além de colocar os problemas e categorias da teoria marxista da dependência com muita competência, traz uma interpretação abrangente e inovadora sobre o intercâmbio desigual, motivo pelo qual precisamos nos deter com mais atenção em seu argumento. É interessante a forma como o autor coloca a “questão fundamental” que Marini tentou resolver teoricamente em *Dialética da Dependência*: se o traço distintivo do capitalismo é a produção de mais-valor relativo, que tende a baratear os preços de mercado ao longo do tempo, “por que justamente nos países de menor produtividade os preços apresentam uma tendência maior à queda?” (LUCE, 2018, p. 27). Nessa forma de apontar para o problema da deterioração dos termos de troca, parte-se de uma contradição real: no comércio internacional os preços tendem a cair mais rapidamente nas mercadorias nas quais os valores tendem a cair mais vagorosamente. Depois de apontar sua questão fundamental, Luce (2018, p. 27) diz que a superexploração da força de trabalho é a “outra face” da transferência de valor.

Um problema da abordagem de Luce (2008, p. 31), a nosso ver, é que ele supõe que quando Marini diz “mesma esfera de produção” está dizendo, na verdade, “mesma economia”. Por exemplo, agronegócio na periferia não é a mesma esfera de produção do agronegócio dos países imperialistas. Ou seja, a soja brasileira não estaria na mesma esfera de produção que a soja estadunidense, mesmo que fossem mercadorias com valores de uso exatamente idênticos. Essa é uma afirmação muito controversa, da qual discordamos, mas importante para o conjunto do argumento de Luce, por motivos cuja discussão foge ao escopo deste artigo². O texto de Carcanholo e Amaral (2008) oferece um contraponto interessante nessa questão da concorrência intra-setorial.

² Note-se que a abordagem de Luce para o problema do intercâmbio desigual se baseia na ideia de que diferentes níveis de produtividade entre formações econômico-sociais distintas significam diferentes níveis de intensidade nacional de trabalho, que faz Luce caminhar pelo terreno do trabalho potenciado, o qual é a base da crítica de Félix (2021) à categoria da transferência de valor posta na *Dialética da Dependência*. São pontos que merecem uma crítica específica e detalhada. Dada a profundidade dos argumentos dos autores, não é possível desenvolver suas ideias aqui.

Ademais, o autor também defende a tese de Marini presente em *Dialética da Dependência* de que as transferências de valor significam uma “burla” da lei do valor. Ele se baseia na ideia de que existe uma “determinação negativa do valor” que faz com que a troca de não equivalentes seja mais frequente na periferia, ao contrário das economias centrais, cujo “momento predominante” seria o intercâmbio de equivalentes (LUCE, 2018, p. 31). Acreditamos que tem um problema aqui, porque, nas economias centrais, supondo velocidade maior de propagação do progresso técnico, os desníveis entre produção e apropriação seriam maiores. A troca de não equivalentes ocorre na interação entre as economias, por isso é importante considerar a concorrência na mesma esfera e em esferas distintas (CARCANHOLO; AMARAL, 2008).

Chegando no ponto que mais nos interessa, Luce (2018, p. 50) separa a “transferência de valor tout-court” da “transferência de valor como intercâmbio desigual” e classifica como “formas da transferência de valor como intercâmbio desigual” a deterioração dos termos de troca, serviços da dívida, remessas de lucros, apropriação de renda da terra³. Nessas páginas ele afirma e reafirma a “transferência de valor como intercâmbio desigual” como a essência dessas formas. Precisamos apontar que existe uma controvérsia aqui quando ele indica que, para os fundadores da teoria marxista da dependência, “a deterioração dos termos de intercâmbio” seria uma forma de transferência de valor. Pelo menos na *Dialética da Dependência* de Ruy Mauro Marini, parece não ser assim. A partir da transferência de valor ele explica a deterioração dos termos de troca, sem colocar uma como forma da outra.

Ruy Mauro Marini é claro em reconhecer a existência da deterioração dos termos de troca. Luce (2018, p. 53-57) apresenta dados que corroboram empiricamente a tendência de deterioração dos termos de troca mas não explica a relação entre transferência de valor e essa deterioração, apenas indicando que “por detrás de preços deprimidos havia a relação-valor” (ibidem, p. 50). Quando aponta a explicação da Cepal para a deterioração, o faz de maneira algo imprecisa, como iremos indicar na próxima seção, e diz que seria “preciso buscar, dialeticamente, nos elementos da produção do valor e da *transferência de valor* no mercado mundial as raízes para a queda dos preços relativos do comércio internacional em desfavor dos países dependentes” (LUCE, 2018,

³ O procedimento de Luce é distinto de Leite (2017) e Moura (2020), que separam a transferência de valor via intercâmbio desigual ou comércio internacional da transferência de valor via investimentos ou propriedade do capital.

p. 53). O autor tem razão nesse ponto, isto é, da transferência de valor se explica a queda dos preços relativos, mas não desenvolve a relação dialética que explica essa dinâmica.

Quando Luce (2018, p. 169) aponta as “causas para os baixos níveis salariais” na América Latina, indica uma relação entre superexploração e troca desigual: a burguesia dependente procura “contra-arrestar as transferências de valor a que se encontra subordinada apertando o torniquete sobre os trabalhadores, isto é, deslocando o fundo de consumo do trabalhador para o fundo de acumulação do capital”. Em outras palavras, reiterando o que vários autores indicam a respeito desse tema, a superexploração é o “mecanismo de compensação para as transferências de valor como intercâmbio desigual” (ibidem, p. 169). Como já dissemos, esse argumento é claríssimo na *Dialética da Dependência*. Mas no processo de crítica à teoria da deterioração dos termos de troca, Marini vincula a superexploração da força de trabalho com a transferência de valor através do intercâmbio desigual não apenas como mecanismo de compensação. Luce também não explica essa outra relação, base da explicação de Marini para a deterioração dos termos de troca.

Para finalizar essa revisão, é preciso verificar como outro autor muito influente na retomada da teoria marxista da dependência no século XXI analisa essa questão. Osório (2016, p. 508-511) aponta que os processos de transferência de valor “estão na base da deterioração dos termos de troca” e a superexploração é resultado dessa transferência de valor, correspondendo a medidas postas em prática pelos “capitais que operam na região a fim de fazer frente a uma situação tão desfavorável”. E, complementando esse raciocínio, ele diz que a superexploração “passou a ser também um mecanismo vital para enfrentar as debilidades produtivas na concorrência e compensar as *transferências de horas de trabalho e de valor no mercado mundial*, além de funcionar como fórmula para elevar os lucros dos capitais operantes na região” (OSÓRIO, 2016, p. 511, grifos nossos)⁴.

No debate com Cláudio Katz e Iñigo Carrera, Jaime Osório discute explicitamente a vinculação da troca desigual com a superexploração da força de trabalho, mas não indica a relação de ambas com a deterioração dos termos de troca:

La reproducción de capitales en el capitalismo dependiente se sustenta en la superexplotación. Un capitalismo de esta naturaleza no puede competir

⁴ Se valor é trabalho humano abstrato que pode ser mensurado em tempo de trabalho socialmente necessário, não entendemos o que Osório (2016, p. 511) quer dizer com “transferências de horas de trabalho e de valor no mercado mundial”. Parece uma influência de Mandel (1982), que usa a ideia de transferência de horas de trabalho, mas não é possível avançar nesta questão nesse momento.

en los mercados mundiales sin permitir sufrir intercambios desiguales. Y dichas transferencias alimentan la baja productividad, la débil o nula diversificación productiva, un lugar subordinado en las divisiones internacionales del trabajo, una producción volcada a los mercados exteriores, violar regularmente el valor de la fuerza de trabajo y el despliegue de un capitalismo que desarrolla el subdesarrollo (OSÓRIO, 2019, p. 66).

Para rejeitar a tese que sobredimensiona a apropriação de renda da terra em detrimento às transferências de valor via intercâmbio desigual, Osório defende a existência de deterioração dos termos de troca, baseado no estudo de Ocampo e Parra (2003), sem, contudo, explicitar a vinculação com a superexploração: “con estadísticas desde fines del siglo XIX hasta entrado el siglo XXI, se muestra que los precios de la mayoría de los productos de exportación de América Latina, sean materias primas o alimentos, han perdido peso relativo frente a los precios que la región adquiere de las economías desarrolladas” (OSÓRIO, 2019, p. 68)⁵.

Em outro texto publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, Osório (2017) debate a questão da troca desigual relacionando-a com a deterioração dos termos de troca, desta vez em debate com os adeptos da tese de que a apropriação de renda da terra inviabilizaria a transferência internacional de valor. Ele reitera que os estudos da Cepal a respeito da deterioração dos termos de troca “permitem vislumbrar o processo de intercâmbio desigual” (OSÓRIO, 2017, p. 91). Esta parece ser uma interpretação muito difundida, seja colocando a deterioração dos termos de troca como indício da troca desigual (OSÓRIO, 2017) ou como expressão e forma da troca desigual (DUARTE, 2013; LUCE, 2018). A interpretação de Luce, vale dizer, parece fortemente inspirada em Osório (2017). Como o ponto do artigo é rechaçar as teses dos adeptos da explicação da condição latino-americana via renda da terra, Osório, neste e também nos outros trabalhos que tivemos a oportunidade de conhecer, não oferece nenhuma explicação adicional para a relação entre troca desigual, deterioração dos termos de troca e superexploração.

Um dos perigos teóricos de associar inadvertidamente a troca desigual com a deterioração dos termos de troca é se aproximar, mesmo que não intencionalmente, do procedimento de Serra e Cardoso (1979), cujo texto foi redigido para agredir a *Dialética da Dependência*. Segundo os neodesenvolvimentistas, “Marini propôs uma bizarra teoria do intercâmbio desigual, confundindo este fenômeno com a tendência à deterioração das

⁵ Um desenvolvimento dessa questão empírica pode ser encontrado em Ocampo e Parra (2009).

relações de troca” (SERRA; CARDOSO, 1979, p. 45). Estes autores afirmam que Prebisch é quem põe a luta de classes no centro da explicação, ao enfatizar o papel dos sindicatos nos países centrais, e acusam Marini de não o fazê-lo. Trata-se de uma afirmação sem cabimento pois tratar do intercâmbio desigual como transferência de valores através da fixação dos preços, que é o procedimento na *Dialética da Dependência*, é colocar em primeiro plano a luta de classes, só que mundialmente considerada. Considera-se que a exploração dos trabalhadores na periferia é operacionalizada e realizada pelas classes dominantes dos países periféricos e dos países centrais (OSÓRIO, 2016, p. 509).

Nas questões específicas que buscamos dialogar, Borges Neto (2011, p. 102, grifos nossos) faz uma afirmação certa que contém o núcleo do argumento da *Dialética da Dependência*: a deterioração dos termos de troca é “tema relacionado com o intercâmbio desigual, mas *claramente distinto dele*”. Acertou em cheio! Precisamos agora *explicar porque são diferentes*. Para isso, vamos discutir a explicação de Prebisch e, na sequência, a crítica de Marini.

2. Raul Prebisch e a deterioração dos termos de troca

A crítica de Prebisch às teorias liberais do comércio exterior se ancora na observação da tendência à deterioração dos termos de troca do ponto de vista dos países periféricos. Isso porque a defesa do livre-comércio se apoia no princípio de que o “fruto do progresso técnico [industrial] tende a se distribuir de maneira equitativa por toda a coletividade [isto é, inclusive para os países periféricos], seja através da queda dos preços, seja através do aumento correspondente da renda” (PREBISCH, 2000, p. 71, inserção nossa). Para a teoria liberal, os países periféricos se beneficiariam da queda dos preços industriais em velocidade compatível com o maior progresso técnico, de modo que a divisão internacional do trabalho baseada nas vantagens comparativas seria a solução ótima.

Contudo, a partir do exame da relação empírica entre preços industriais e preços agrícolas, Prebisch (2000, p. 83) concluiu que “enquanto os centros preservaram integralmente o fruto do progresso técnico de sua indústria, os países periféricos transferiram para eles uma parte do fruto do seu próprio progresso técnico”. Segundo documento das Nações Unidas de 1949, citado por Prebisch, “(...) os países menos desenvolvidos, através dos preços que pagaram pelos produtos manufaturados, em

relação àqueles que obtiveram para seus próprios produtos, sustentaram padrões de vida crescentes nos países industrializados, mas sem receberem, em troca disso, no preço de seus próprios produtos, uma contribuição equivalente para seu próprio padrão de vida.” (NAÇÕES UNIDAS, 1949, p.115-116, apud PREBISCH, 2000, p.83)

A explicação de Prebisch (2000, p. 86 e 87) baseia-se no entendimento do movimento cíclico da economia, o qual considera essencial para compreender o fenômeno descrito anteriormente. Para o autor, o ponto de partida é assimilar que existe uma disparidade contínua entre a demanda e oferta globais de bens produzidos nos centros cíclicos. Na fase ascendente do ciclo a demanda ultrapassa a oferta, aumentando preços, enquanto que na fase descendente ocorre o inverso, diminuindo preços. As variações do lucro estão intimamente ligadas a essa disparidade, sendo que na fase ascendente o lucro aumenta e tende a corrigir o excesso de demanda com a alta dos preços. Na fase descendente, os produtores diminuem os preços para corrigir o excesso de oferta, o que leva a uma redução do lucro. (PREBISCH, 2000, p. 86)

O lucro é transferido dos empresários do centro para os da periferia através da alta dos preços primários. Quanto maior a concorrência entre os empresários do centro pela demanda de matérias-primas e alimentos e quanto maior o tempo necessário para aumentar a produção primária em relação ao tempo das outras etapas do processo produtivo, e quanto menores os estoques acumulados, tanto maior é a proporção do lucro que vai sendo transferido para a periferia. Com isso podemos concluir que os preços primários tendem a subir mais do que os preços industriais finais nas fases de ascensão do ciclo econômico, gerando uma transferência de lucros do centro para a periferia. Entretanto, como se observará a seguir, da mesma forma que os preços primários sobem mais que os industriais na fase ascendente, na fase descendente eles descem mais que os industriais (Ibidem, loc. Cit.). Esse é o ponto decisivo do argumento de Prebisch.

Continuando com a descrição do processo cíclico na visão de Prebisch, durante a fase ascendente uma parte dos lucros se transforma em aumento dos salários nos centros em virtude da concorrência dos empresários entre si e das pressões feitas pelas organizações trabalhistas. Na fase descendente o lucro se contrai em virtude da redução de preços para corrigir o excesso de oferta. A redução das taxas de lucro leva à queda do investimento. Com isso reduz a demanda por trabalho, o que gera uma pressão dos capitalistas para reduzir o salário. No centro há uma resistência pela queda de salários em função do poder dos sindicatos industriais que não ocorre da mesma forma nos países da

periferia. Com isso, a redução necessária de custos para os industriais do centro ocorre com a redução dos salários periferia, que permite redução de preços primários. Essa redução na periferia é justificada pela desorganização dos trabalhadores de produção primária, principalmente dos trabalhadores da agricultura. Assim, quanto menos a renda pode se contrair no centro, mais ela se contrairá nos países periféricos. Com o passar dos ciclos os preços industriais vão se distanciando progressivamente dos preços primários (Ibidem, loc. cit).

Se a periferia tivesse uma rigidez de salários parecida com a do centro, a pressão sobre a contração da renda seria maior até que esta fosse de fato reduzida. Pois, não havendo uma contração de preços da periferia para corrigir a disparidade entre oferta e demanda, os países centrais acumulariam estoque de mercadorias e diminuiriam sua produção industrial. Com isso, demandariam uma quantidade menor de produtos primários até que fosse feita uma contração no setor primário (Ibidem). “O importante a notar desse trecho é justamente a sugerida relação orgânica entre o centro e a periferia, como se esta fosse extensão daquele, tal como implica a conhecida denominação pejorativa de quintal.” (CARDOSO, 2019, p. 98)

De acordo com Cardoso (2019, p. 99), não adiantaria conter o fluxo de comércio internacional, pois esse permanece sendo fundamental para a periferia. Para as nações centrais, o comércio internacional permitiria acessar os bens que não foram escolhidos para serem produzidos. Já para os países da periferia o comércio internacional desempenharia um papel crucial, porque só por meio dele essas nações poderiam ter acesso a bens que ainda não são capazes de produzir.

Raúl Prebisch (2000, p. 183) diz que esse aumento da renda e da produtividade do centro, influenciado pelo progresso técnico e movimento cíclico da economia, alterou a cesta de consumo dos países centrais, fazendo com que fosse cada vez menos necessária a participação dos bens primários na fabricação dos bens industriais. “Em outras palavras, foi diminuindo o teor de produtos primários na renda real da população, especialmente nos grandes centros industrializados.” (PREBISCH, 2000, p. 182). A partir dessa consideração, o economista argentino expõe três razões que explicam o fenômeno descrito acima.

Em primeiro lugar, é importante entender que as transformações técnicas são capazes de elaborar, de maneira cada vez mais complexa, as matérias-primas necessárias para o processo produtivo. Isso leva a uma melhor utilização das matérias-primas, de

modo que uma mesma quantidade de produtos primários se traduz em um valor proporcionalmente maior do que antes dos produtos finais industriais. E, por último, seguindo com o raciocínio de Prebisch, as inovações técnicas possibilitam a produção de insumos sintéticos, que substituem os produtos primários naturais.

Entretanto, essa redução da demanda por produtos primários não significa que há uma redução da demanda global. Segundo Prebisch (2000, p.183), o aumento da renda leva a uma diversificação da demanda e, enquanto aumenta pouco a dos produtos primários, cresce consideravelmente a de bens industrializados. “Em outras palavras, a elasticidade-renda da demanda de importações primárias dos centros tende a ser menor do que um.” (PREBISCH 2000, p. 183). Já a elasticidade-renda das importações manufaturadas da periferia tende a ser maior do que um. Ou seja, se aumenta a renda da periferia, é muito provável que aumente a demanda por bens manufaturados e diferenciados (CARDOSO, 2019, p. 97).

Em síntese, a explicação estruturalista para o problema da deterioração dos termos de troca parte do pressuposto da maior organização sindical dos países centrais. Com essa suposição, Prebisch forneceu as bases para as prescrições de política econômica que motivaram os processos de industrialização. Ademais, partem da determinação das rendas em direção aos preços de mercado. O procedimento de Marini, como discutido na próxima seção, é o oposto, partindo da disparidade técnica na divisão internacional do trabalho, pelo processo de produção desigual de valores, para chegar na relação entre preços de mercado. Nesse caminho, a superexploração da força de trabalho nos países periféricos aparece como mecanismo que ativa a deterioração dos termos de troca.

3. Ruy Mauro Marini: intercâmbio desigual, superexploração da força de trabalho e deterioração dos termos de troca

As teses cepalinas destacadas anteriormente tem influência na formação do pensamento de Ruy Mauro Marini. Enquanto ele esteve na França, nos anos 1950, no auge do desenvolvimentismo, Marini tem o primeiro contato com o marxismo (RUY MAURO MARINI E A DIALÉTICA DA DEPENDÊNCIA, 2014) e se afasta das teorias do desenvolvimento, como ele mesmo comenta em suas memórias:

(...) esse era o momento em que a descolonização era vivida dramaticamente pela França, mediante a derrota na Indochina e a radicalização

da guerra da Argélia, provocando rupturas ao interior dos grupos políticos e intelectuais -fenômeno que acompanhei com vivo interesse, tanto mais que, em meu meio, eu convivia com jovens militantes argelinos, cambojanos e vietnamitas, além dos que provinham das colônias da África negra. As *teorias do desenvolvimento*, em voga nos Estados Unidos e nos centros europeus, se me revelaram, então, como o que realmente eram: *instrumento de mistificação e domesticação dos povos oprimidos do Terceiro Mundo e arma com a qual o imperialismo buscava fazer frente aos problemas criados no após-guerra pela descolonização*. Começa, então, o meu afastamento em relação à CEPAL, fortemente influenciado, ademais, pela minha crescente adstrição ao marxismo. (MARINI, 2003, p. 4, grifos nossos)

Apesar de não se referir exatamente à deterioração dos termos de troca nesta passagem, acreditamos que seu argumento em *Dialética da Dependência* está suficientemente desenvolvido para sustentarmos que a categoria da troca desigual não é o mesmo que a deterioração dos termos de troca, e que esta pode ser explicada pela vinculação entre troca desigual e superexploração da força de trabalho.

Como fartamente documentado na literatura contemporânea, Marini aponta mecanismos de transferências de valor através da troca de não-equivalentes, de mercadorias portadoras de valores distintos. “Na prática, observam-se diferentes mecanismos que permitem realizar *transferências de valor*, passando por cima das leis da troca, configurando uma *troca desigual*, e que se expressam na forma como se fixam os preços de mercado e os preços de produção das mercadorias (MARINI, 2017, p. 331). Em síntese, a troca desigual, para Marini, equivale ao processo de transferência de valor que ocorre através da fixação dos preços no comércio internacional.

Como essas transferências de valor podem ocorrer dentro do ramo de produção, entre capitais que produzem a mesma mercadoria, e entre ramos distintos, Marini enfatiza o segundo caso, sem desconsiderar o primeiro, pois seria o mais típico de ocorrer no comércio entre nações industriais e nações desfavorecidas. Enquanto no primeiro caso a explicação da troca desigual reside nas diferenças de produtividade (capitais mais produtivos conseguem vender suas mercadorias por aproximadamente o mesmo preço de mercado dos capitais menos produtivos e assim auferir lucro extraordinário), no segundo caso reside nas diferenças de produtividade acrescidas do monopólio da produção (MARINI, 2017, p. 331-332).

Entre nações “que trocam distintas classes de mercadorias, como manufaturas e matérias-primas”, a troca desigual ocorre quando os países mais desenvolvidos vendem suas mercadorias por preços superiores aos valores. Neste caso, Marini aponta uma dupla

transferência de valor: pela produção de mercadorias portadoras de maior produtividade, que garante preços de produção superiores aos valores (AMARAL; CARCANHOLO, 2009, p. 219) e pelo monopólio da produção, que permite, durante certo tempo, a elevação de preços de mercado acima dos preços de produção. No somatório desses dois mecanismos de transferência de valor, a ideia chave é que a nação desfavorecida cede gratuitamente uma porção de valores produzidos internamente em troca das mercadorias que adquire dos países mais avançados.

Antes de avançar no argumento, registre-se que Marini (2017, p. 331) está explicando a troca desigual a partir da “expansão do mercado mundial”, do “desenvolvimento das relações mercantis” em termos internacionais, sem mencionar uma única vez a deterioração dos termos de troca. Ao contrário, sua explicação reside na maneira pela qual “a base econômica” do capitalismo se desenvolveu, originando relações comerciais através das quais a “exploração internacional” ocorre com cada vez maior autonomia em relação à coerção extra-econômica baseada na violência política e militar (MARINI, 2017, p. 331).

Para explicar a deterioração dos termos de troca, Marini vai desenvolver a seguinte afirmação: “foi a deterioração comercial o que as forçou a produzir em maior escala” (ibidem, p. 331, grifos nossos). Na tentativa de atenuar a transferência de valor feita para os países centrais, baseada na produtividade ou no monopólio de produção, os países latino-americanos colocarão em prática alguns mecanismos dentro de sua produção interna para aumentar a extração de mais-valia, que acarretarão em uma piora da qualidade de vida das massas: “Trata-se do recurso ao *incremento de valor trocado*, por parte da nação desfavorecida: sem impedir a transferência operada pelos mecanismos já descritos, isso permite neutralizá-la total ou parcialmente mediante o aumento do valor realizado” (ibidem, p. 332, grifos nossos).

Para aumentar a massa de valor produzida, o capitalista deve explorar mais a força de trabalho através do aumento da intensidade do trabalho, prolongação da jornada ou redução do consumo do operário além do seu limite normal, ou seja, superexplorar sua força de trabalho (ibidem, p. 332-333)⁶. O primeiro aparece como um aumento do desgaste do trabalho, o que, portanto, aumenta o valor da força de trabalho; o segundo

⁶ Convém lembrar que na resposta a Serra e Cardoso (1979), Marini (2008, p. 174) explica que a superexploração não é causada pela troca desigual, mas pela “febre de lucros que cria o mercado mundial e se baseia fundamentalmente na formação de uma superpopulação relativa”. Nesse sentido que ele diz, como Carcanholo e Amaral (2008) recordam, que a superexploração é acicateada pela troca desigual.

também aumenta o desgaste da força de trabalho e, conseqüentemente, aumenta a intensidade; a terceira forma é a própria redução salarial.

Factualmente, todos contribuem para aumentar a massa de valor realizada e, por isso, a quantidade de dinheiro obtida através da troca. *Isso é o que explica, neste plano da análise, que a oferta mundial de matérias primas e alimentos aumente à medida que se acentua a margem entre seus preços de mercado e o valor real da produção* (MARINI, 2017, p. 334, grifos nossos).

Assim se torna possível aumentar a quantidade de bens exportados e compensar a transferência de valor para o centro. Com o aumento da “oferta mundial de matérias primas e alimentos”, os preços tendem a se reduzir, o que explica a deterioração dos termos de troca.

Ou seja, podemos concluir que há uma pressão do próprio sistema para a periferia produzir mais. Por que essa pressão aumenta “à medida que se acentua a margem entre seus preços de mercado e o valor real da produção”? Porque quanto maior a distância entre preços de mercado e valor, maior a transferência de valor para o exterior e, portanto, mais intenso deve ser a atuação do mecanismo de compensação interno (a superexploração da força de trabalho), o que aumenta a massa de mercadorias vendidas. Essa tendência de se produzir cada vez mais, explica a queda dos preços dos produtos primários em relação aos bens manufaturados (FÉLIZ, 2021, p. 30)⁷. Então, seguindo o argumento de Marini em *Dialética da Dependência*⁸, a deterioração dos termos de troca é uma consequência da superexploração do trabalho em vinculação com a troca desigual. Este nos parece ser o que o autor sugere como o segredo da troca desigual.

⁷ Apesar de Félix (2021) discordar da existência da transferência de valor, ele concorda que a troca desigual envolve uma perda de mais-valor pelos capitais menos produtivos, e, então, por um caminho distinto, chega na mesma conclusão a respeito da vinculação causal entre troca desigual e declínio nos termos de troca.

⁸ Fazemos questão de apontar a obra porque em outros textos, como na resposta à Serra e Cardoso (1979), o argumento não fica tão claro. Nesta resposta, Marini (2008) faz um comentário que mais ajuda a confundir do que a explicar, quando diz que o intercâmbio desigual “corresponde à deterioração dos termos de troca”: “las relaciones entre las economías capitalistas avanzadas y dependientes, al expresar relaciones de intercambio entre sistemas productivos con distintos niveles tecnológicos y, por ende, con distintas intensidades medias de trabajo, normalmente hacen que se operen transferencias de valor vía precios, es decir, que se realice un intercambio desigual que corresponde, a la vez, al deterioro de los términos de intercambio en perjuicio de las últimas. Y es por esto, también, que éstas tienen que recurrir, como medida de compensación, a aumentar la magnitud extensiva e intensiva del trabajo que explotan, o sea, a los métodos de superexplotación del trabajo referidos a la producción” (MARINI, 2008, p. 184).

4. Troca desigual, superexploração e deterioração dos termos de troca: considerações sobre coisas estruturadas, mecanismos causais e fenômenos

Para ser mais claro, vamos avançar mais sobre esse segredo. Marini, como já mostramos, e que não é novidade, ataca o desenvolvimentismo cepalino pois sua teoria explica a realidade das economias latino-americanas mistificando-a (MARINI, 2017, p. 331; MARINI, 2008, p. 218; MARINI, 2003, p. 4). Em outras palavras, é como se as teorias burguesas colocassem um véu sobre a realidade, o que faz com se gere interpretações e explicações científicas parciais, que não conseguem captar a totalidade do processo histórico concreto. E, sem fazer isso, suas prescrições de mudanças são confinadas ao horizonte temporal da sociedade burguesa. Como diz Bonente (2016, p. 186), a respeito das teorias burguesas do desenvolvimento, dentre as quais a da Cepal, “trata-se apenas de projetar para o futuro configurações diversas de uma mesma formação social (o capitalismo)”. Embora as ideias da Cepal façam críticas às teorias liberais, não assumem uma posição “autenticamente ‘crítica’” pois não dirigem sua crítica “contra as formas de existência objetiva que as reclamam como ideias correntes, necessárias” (BONENTE, 2016, p. 164).

Por esse critério, nos parece imperativo reconhecer o esforço de Marini em estabelecer uma *crítica autêntica*. Isso pode ser visto em seu argumento a respeito da troca desigual. Aqui, a crítica à teoria da deterioração dos termos de troca da Cepal não se restringe aos elementos puramente gnosiológicos, mas, ao contrário, quando explica a “exploração internacional” através do comércio exterior, o faz recorrendo ao que Lawson (1997, p. 40) chama de “estruturas, forças, mecanismos e tendências subjacentes que existem, sejam detectadas ou não, e governam ou facultam os eventos efetivos”. Marini parece ter considerado que o mundo é composto por “diferentes níveis da realidade [que] estão dessincronizados uns com os outros” (LAWSON, 1997, p. 40)⁹, de modo que sua explicação para a deterioração comercial dos países periféricos considera que a decadência dos termos de troca é um *fenômeno efetivo*, causado por um *mecanismo* (a superexploração) ativado pela troca desigual¹⁰.

⁹ O contexto com o qual Lawson (1997) desenvolve essa discussão é na apresentação do que ele chama de ‘realismo transcendental’ (mais comumente denominado como ‘realismo crítico’ na filosofia da ciência contemporânea), inspirado em Roy Bhaskar, como uma concepção de ciência crítica ao dedutivismo e ao realismo empírico.

¹⁰ “Um mecanismo é basicamente um modo de agir e funcionar de uma coisa estruturada. Bicicletas e foguetes funcionam de certos modos. É claro que não podem funcionar ou agir do modo como o fazem sem possuir o poder para tal. Mecanismos, então, existem como poderes causais das coisas. Os

A detecção do mecanismo causal que governa o fenômeno parece ser efetuada como uma operação lógica retrodutiva. Consideramos aqui que Marini foi um profundo leitor e conhecedor de Marx, especialmente de *O capital* (CARCANHOLO; CORREA, 2021), e a retrodução é o operador lógico que caracteriza o método científico de Marx (MEDEIROS; BONENTE, 2021, p. 82), podendo ser sumariamente descrito da seguinte forma: “a retrodução consiste na passagem entre um acontecimento empírico para o reconhecimento das *condições não empíricas* sem as quais o acontecimento não se efetivaria” (ibidem, p. 83, grifos dos autores). Parece ser exatamente assim que Marini procede. Pois parte da observação do fenômeno (note-se que ele não rejeita o empírico capturado pela teoria cepalina) em direção “a uma teoria de um mecanismo intrínseco” a ele, “um movimento desde o fenômeno superficial a alguma coisa causal ‘mais profunda’” (LAWSON, 1997, p. 43). Nosso autor parece adotar um procedimento científico baseado nas duas premissas da retrodução:

(1) Que o mundo possui domínios que não são empíricos em qualquer sentido, pois contêm objetos que sequer podem ser capturados pela percepção; (2) que as causas dos fenômenos empíricos buscadas pela ciência não são empíricas, embora sejam reais. (MEDEIROS; BONENTE, 2021, p. 83).

Ainda é possível estabelecer um último esclarecimento a respeito da natureza da explicação científica na *Dialética da Dependência*. Considerando que o mundo pode ser bipartido entre “domínio fenomênico” e “domínio causal”, seguindo com Medeiros e Bonente (2021), os efeitos podem não ser percebidos empiricamente e, mesmo assim, as forças causais continuam em operação. É porque a causalidade como concebida por Marx (e, sugerimos, por Marini) ocorre como tendência: “a existência de forças causais não implica necessariamente a causação” (ibidem, p. 92). Nos termos da *Dialética da Dependência*, a afirmação de que a troca desigual tem o poder de causar a deterioração dos termos de troca através do mecanismo da superexploração da força de trabalho não é descartável se, por algum motivo, os efeitos não se manifestem perceptivamente. Em outras palavras, se, por ventura, não se detecte estatisticamente a queda dos preços dos

poderes de coisas estruturadas são usualmente exercidos apenas como resultado de algum input: o ascender de um fósforo, o levantar e manusear de um martelo, o ligar um computador ou a interação com ele, a flexão de cordas vocais, a chegada de crianças e professores na escola ou de empregados em seus locais de trabalho. E os mecanismos, quando disparados (onde relevantes) produzem efeitos. *Coisas estruturadas, então, possuem poderes causais que, quando disparados ou liberados, atuam como mecanismos generativos para determinar os fenômenos efetivos do mundo real*” (LAWSON, 1997, p. 40, grifos nossos).

produtos exportados pela América Latina em relação aos preços dos produtos importados, isso não significa que a troca desigual deixou de existir ou de operar.

Perceber a teoria de Marini dessa maneira ajuda a fundamentar as explicações recentes que apontam, com mais ou menos ênfase, para uma relação de essência e aparência entre a troca desigual e a deterioração dos termos de troca (LUCE, 2018; DUARTE, 2013). Contudo, as explicações recentes não são suficientes pois deixam pelo caminho o mecanismo causal que vincula troca desigual com deterioração dos termos de troca.

Considerações finais

Nesta pesquisa tentamos contribuir com a renovação crítica da teoria marxista da dependência no século XXI discutindo a questão da troca desigual na obra de Ruy Mauro Marini. Na revisão da literatura contemporânea, mostramos que existe uma confusão a respeito da diferenciação entre troca desigual e deterioração dos termos de troca e do papel da superexploração da força de trabalho nesta relação. Nossa contribuição foi alertar que a superexploração da força de trabalho não é apenas um *mecanismo de compensação* da troca desigual, mas também um *mecanismo causal* da deterioração dos termos de troca.

Podemos assegurar que na *Dialética da Dependência* existe uma explicação para o problema da deterioração dos termos de troca distinta da sugerida por Prebisch. O pensamento cepalino põe a industrialização como modo de superação desse problema e condição para o desenvolvimento econômico da região, enquanto, por outro lado, a teoria de Marini sustenta que a forma específica como o capitalismo latino-americano se vincula às leis gerais de desenvolvimento do capital obstrui processos de melhoria generalizada nas condições de vida das classes trabalhadoras.

Como tentamos demonstrar ao longo do artigo, o fenômeno da deterioração dos termos de troca é causado pela troca desigual na medida em que ativa a superexploração da força de trabalho. Os nexos causais podem ser sintetizados da seguinte maneira: (1) a concorrência no mercado mundial entre capitais com distintos níveis de produtividade e/ou poder de monopólio gera uma transferência de valor que, em geral, parte da América Latina em direção aos países centrais; (2) como essa transferência de valor significa que os capitais perdem para seus rivais do Norte parte do mais-valor extraído das classes

trabalhadoras latino-americanas, esse processo ativa um mecanismo de compensação no plano da produção, que é superexploração da força de trabalho; (3) esta, por sua vez, significa que a classe trabalhadora latino-americana é pressionada permanentemente a produzir mais mercadorias, o que tende a diminuir relativamente os preços delas nos mercados mundiais nos quais elas são transacionadas.

Por mais que a troca desigual seja uma relação que opera no domínio não-empírico, ela pode ser apreendida empiricamente pelos seus efeitos: a pauperização mais acentuada da população trabalhadora no Sul do que no Norte e a deterioração dos termos de troca da América Latina em relação aos países centrais. E, como dissemos, mesmo que sob certas circunstâncias essa apreensão empírica possa não ocorrer, ela não significa que o processo causal não esteja em vigor. Como dizem Medeiros e Bonente (2021, p. 92): “a lei da gravidade age sobre um objeto quando ele está em queda livre, mas também quando permanece parado sobre a mesa ou mesmo quando é jogado para o alto”. O mesmo parece ser válido para a lei científica rascunhada por Marini na *Dialética da Dependência*: a troca desigual age sobre os eventos mesmo que, sob certas circunstâncias, a trajetória efetiva deles contrarie a tendência geral governada por ela.

A expressão “transferência de valor” para designar o processo real que ocorre subjacente ao comércio internacional é, evidentemente, uma metáfora. A concorrência no mercado mundial produz efetivamente uma força (abstrata) que faz com que valores produzidos em um lugar sejam apropriados em outro. E essa metáfora nos parece poderosa pois ajuda a destacar o fato que a exploração da classe trabalhadora ocorre em nível mundial, que o mais-valor produzido aqui pode ser apropriado longe daqui.

Referências

- BREDA, D. *A transferência de valor no capitalismo dependente contemporâneo. O caso do Brasil entre 2000 e 2015*. 2020. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Unicamp.
- BONENTE, B. *Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista*. Niterói: Eduff, 2016.
- BORGES NETO, J M. Ruy Mauro Marini: dependência e intercâmbio desigual. *Crítica Marxista*, v. 33, p. 83-104, 2011.
- CARCANHOLO, M. D. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica. *Revista de Economia Contemporânea*, v. 12, p. 247-272, 2008.
- CARCANHOLO, M. D.; AMARAL, M. S. Acumulação capitalista e exército industrial de reserva: conteúdo da superexploração do trabalho nas economias dependentes. *Revista de Economia*, v. 34, n. 4, 2008.
- CARCANHOLO, M. D.; CORREA, H. *Ruy Mauro Marini*. In: CALLINICOS, A.; KOUVELAKIS, S.; PRADELLA, L. (orgs). *Routledge Handbook of Marxism and Post-Marxism*. Nova York: Routledge, 2021.
- CARLEIAL, L. Subdesenvolvimento E Mercado De Trabalho: Uma Análise a Partir Do Pensamento Latino-americano. *Sociologias*, v. 12, n.25, 2010, p. 126-57.
- DUARTE, P. Entre o desenvolvimento e a dependência: uma crítica ao neoestruturalismo cepalino. *Revista Pensata*, v. 3, n. 1, nov/2013.
- DUARTE, P. Teoria marxista da dependência: a contribuição teórica de Ruy Mauro Marini. *Nova Economia*, v. 31, p. 131-156, 2021.
- ERTEN, B. North–South terms-of-trade trends from 1960 to 2006. *International Review of Applied Economics*, v. 25, n. 2, p. 171–184, 2011.
- FRANKLIN, R.; BORGES, R. *Transferências de valor e troca desigual no Brasil de 1995 a 2009*. In: Anais do XXV Encontro Nacional de Economia Política (Salvador - EVENTO VIRTUAL, UFES, 2020).
- FRANKLIN, R. O que é superexploração?. *Economia e Sociedade*, v. 28, p. 689-715, 2019.
- LAWSON, Tony. *Economics and reality*. Routledge, 1997.
- LEITE, L. *O capital no mundo e o mundo do capital: uma reinterpretação do imperialismo a partir da teoria do valor de Marx*. 2017. Tese (Doutorado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense.
- LUCE, M. *Teoria marxista da dependência: problemas e categorias-uma visão histórica*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MANDEL, E. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

- MARINI, R. M. Dialética da dependência. *Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 9, n.3, p. 325-356, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/24648>.
- MARINI, R. M. La crisis teórica. In: Marini, R. M.. *América Latina: integración y democracia*, Editorial Nueva Sociedad, Caracas, 1993. Disponível em: http://www.marini-escritos.unam.mx/081_crisis_teorica.html. Acesso em 25/11/2021.
- MARINI, R. M. Las razones del neodesarrollismo (respuesta a F. H. Cardoso y J. Serra) (1978). **In: Martins, C. (org.).** *América Latina, dependencia y globalización*. Bogotá: Siglo del Hombre - CLACSO, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/critico/marini/06razones.pdf>
- MEDEIROS, J.; BONENTE, B. Marx e a crítica da economia política: considerações metodológicas. In: MEDEIROS, J.; BARRETO, E. (orgs.). *Para que leiam O capital: interpretações sobre o Livro I*. São Paulo: Usina Editorial, 2021.
- MORAES, I. A.; ALMEIDA, H. Teoria Marxista da Dependência e Superexploração da Força de Trabalho: história e debate atual na América Latina. *América Latina en la Historia Económica*, v. 21, n. 1, 2021.
- OCAMPO, J. A.; PARRA, M. A. Los términos de intercambio de los productos básicos en el siglo XX. *Revista de la CEPAL*, n. 79, 2003.
- OCAMPO, J. A.; PARRA, M. A. The Terms of Trade for Commodities since the mid-19th Century. *Revista de Historia Económica*, v. 28, n. 1, p. 11–43, 2009.
- OSORIO, J. Sistema Mundial e Formas de Capitalismo: A Teoria Marxista da Dependência Revisitada. *Revista Direito e Práxis*, v. 7, n. 1, p. 494-539, 2016.
- OSORIO, J. Ley de valor, intercambio desigual, renta de la tierra y dependencia. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, n.47, mai./ago. 2017
- OSORIO, J. Renovar la teoría de la dependencia sin teoría del capitalismo dependiente. *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, n.53, mai./ago. 2019.
- PRADO, F.; CASTELO, R. O início do fim? Notas sobre a teoria marxista da dependência no Brasil contemporâneo. *Pensata: Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNIFESP*, v. 3, n. 1, 2013.
- RHO, M. G.; BRANCA, A. Una revisión de las críticas a las Teorías Marxistas de la Dependencia: Ruy Mauro Marini y los estudios sobre Chile. *Izquierdas*, n. 47, agosto 2019, p. 79-96.
- RUY MAURO MARINI E A DIALÉTICA DA DEPENDÊNCIA (Documentário). Direção: Daniel Castro. Brasil: 2014 (51 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ww4_HoY-UYA.
- SERRA, J.; CARDOSO, F. H. *As desventuras da dialética da dependência*. Cadernos Cebrap, n. 23, São Paulo, 1979.
- WAGNER, A. Ruy Mauro Marini: Uma Interpretação Marxista Do Capitalismo Dependente. *Em Pauta (Rio De Janeiro)*, v. 22, 2008.